



Misha vai ao Brasil: as desventuras da obra inédita de Mikhail Nikolaevich

Heloisa Pait*

Marília, Brasil

heloisa.pait@gmail.com

Mikhail Nikolaevich Petrovov – Misha – chegou ao Brasil como tantos imigrantes, com uma mala de roupas que iriam rapidamente parar num brechó, outra mala de livros que ele mesmo havia escrito, e só isso, além da posição de adido cultural no consulado soviético de Belo Horizonte. Não tinha amigos nem parentes conhecidos, e sua curiosidade sobre o novo país se misturava a um desconforto por uma decisão que não tinha sido tomada assim de modo muito pensado.

Afinal, tinha tudo na Rússia. Havia sido vice-presidente da União dos Escritores Soviéticos num tempo relativamente pacífico da história do país, onde tinha feito muitos amigos e pouquíssimo inimigos. Era tido como um escritor importante, autor de vários livros, sem que o governo tivesse levantado nada contra si nem os dissidentes o tachassem de puxa-saco. Conseguiu o feito fazendo o que fazem as pessoas inteligentes em regimes autoritários: deixando de ser quem era. No caso, especificamente, havia recusado uma chance atrás da outra para publicar seus volumes, o que apenas lhe rendia gratidão dos colegas pelas oportunidades abertas.

Não era mérito apenas dele a sua estratégia. Vinha de uma família nobre, daquelas cujas moças, quando chegaram os bolcheviques, nem sabiam onde ficava a cozinha para mostrar aos novos ocupantes revolucionários. Mas nos últimos meses do Czar e do Governo Provisório a família de Misha se desfez de todos os bens, no campo e na cidade, por um bom valor, e se empanturrou de joias e metais. Com a Revolução, que um membro bolchevique havia previsto seria draconiana, a família criou uma falsa fuga para o Brasil, onde teriam encontrado emprego com os também clandestinos Bourbon, em Petrópolis, ao mesmo tempo em que produziam modestas e discretas novas identidades.

O regime foi mais draconiano que pensaram.

Ao invés de recomprar tudo de volta em poucos anos, as joias e pratarias foram gastas parcimoniosamente, para não dar na vista, ao longo de décadas, permitindo à extensa família uma alimentação um pouco menos famélica e um aquecimento um pouco menos enregelado. Mas sobreviveram todos, o que, nos anos de Stalin e da guerra, por uma razão ou outra, já era um verdadeiro milagre, tendo apenas os mais idosos encontrado os patriarcas, como é da lei da vida. Secretamente, a família adotou o 5 de março como uma data de celebração, pela morte do sanguinário ditador e também, de

* Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho e escritora.



um modo um pouco amargo, pela venda da última jóia pré-revolucionária. Agora contavam apenas consigo mesmos.

Misha, então, tinha tudo, e já não era assim tão moço. Mas alguma coisa lhe deu que veio dar nos trópicos, sem nada além de um cargo público e um passaporte diplomático, num arroubo de loucura que nem ele entendia bem. Quem sabe, no Brasil, publicasse seus livros...? Quem sabe se apaixonasse? Quem sabe fosse ter com os Bragança e comparar árvores genealógicas?

Mas as demandas burocráticas, na Rússia como no Brasil, lhe tomavam o tempo. E, sendo um importante escritor russo, era paparicado pelos comunistas locais, e depois pelos democratas, e depois pela direita, conforme seu país natal ia dando as voltas nessa familiar roda gigante política. Faziam-lhe visitas na elegante casa na orla da Pampulha, onde também recebia importantes pesquisadores da literatura russa e soviética. Era em Belo Horizonte, aliás, que havia se estabelecido um importante departamento de literatura usbeque.

Dava palestras.

Era homenageado em jantares.

Abria congressos.

Era entrevistado na TV.

Não levava uma vida fútil, entretanto. Patrocinou a tradução de inúmeros livros, e os promovia sempre que podia, em eventos formais e conversas informais. Acreditava no poder das artes para aproximar os povos, e nutria verdadeira admiração pela literatura pátria clássica e contemporânea. Quando os autores malditos deixaram de sê-lo, inclusive, passou a também lhes patrocinar, ainda que muitos já estivessem congelados na Sibéria há algumas décadas.

O fato é que havia uma enorme curiosidade sobre a obra do grande Mikhail Nikolaevich Petrovov, e não só por seus trabalhos de cunho editorial. À princípio, surgiu uma tese sobre sua trajetória na União dos Escritores Soviéticos: “Revolução e Resistência”, dizia o título, que se referia a um período sem revolução nem resistência. Depois, com as exigências das agências de fomento, seguiu-se a curiosidade sobre a obra inédita do autor, que ele generosamente abria aos pesquisadores. As teses e dissertações continham trechos de seus livros, inéditos, em boas traduções, e longas análises, tudo isso contido entre fartos contextos históricos e embasamentos teóricos.

Os pesquisadores se diplomavam, passavam em concursos e logo criavam grupos de pesquisa, organizavam simpósios e volumes especiais em sua própria especialidade, o pensamento petrovoviano. Daí era um passo para terem orientandos que por sua vez também faziam longas entrevistas com Mikhail Nikolaevich, consultavam seus livros e, de vez em quando, também tomavam seus livros emprestados, muitas vezes os devolvendo. À medida que Misha ia se tornando um nome importante nos estudos



literários no Brasil, sua biblioteca própria ia minguando com todos aqueles empréstimos. Começou a sentir um mal-estar. Havia escrito muito livros, então perder um ou outro não era problema. Tchecov sem “A Estepe” ainda seria Tchecov. Isaac Babel sem as “Histórias de Odessa” ainda seria Isaac Babel. Mas tudo tinha um limite, e Misha passou a tentar recuperar os livros perdidos.

Não foi uma boa ideia. Era impressionante que um Petrovov, membro de um estirpe de experts em sobrevivência institucional, não se tenha dado conta de quão perigoso foi seu passo, pedindo de volta seus próprios textos, reclamando, portanto, uma autoria que era indubitavelmente sua. Todos os anos recusando as edições patrocinadas pela União dos Escritores Soviéticos pareciam ter se dissolvido sob o calor tropical, para ele ter tido a ousadia de requerer dos pesquisadores uma obra que era, apenas e tão somente, de um estudado.

A classe acadêmica se fechou em copas. Ainda vinham pesquisadoras à sua casa, que com olhares acusadores lhe pediam seus livros emprestados, já indignadas por uma desconfiança imerecida. Suas estantes estavam cada vez mais minguadas. As teses e dissertações, agora monografias de graduandos também, proliferavam, dando a aparência que seus livros circulavam em círculos cada vez mais circulares. A ele, não voltavam. O risco de que ele, em posse dos livros, os publicasse, era muito alto: significaria o fim dos empréstimos clandestinos que cimentavam relações de confiança para toda a vida, ou ao menos até a aposentadoria compulsória aos 70 anos.

Misha começou a ter pesadelos. Parecia ter se deslocado da poesia e dramaticidade das estepes para um montanhoso pesadelo centro-europeu. Era russo mesmo? Se era, o que fazia ali naquele fim de mundo? Por que havia deixado seus livros se esvaírem? E se a história do passado nobre não fosse ela mesma uma mentira, escondendo uma verdade ainda pior? Acordava de madrugada de sonhos onde conversava com o irmão querido, mas só tinha deixado irmãs na Europa.

Do centro de estudos húngaros da Universidade Federal de Minas Gerais recebeu um convite para vir falar de sua saga em busca dos próprios livros, que havia chegado aos ouvidos de alguns de seus pesquisadores. Organizou suas ideias de modo cronológico, embaralhou tudo, voltou à sequência temporal e foi ter com os húngaros, que o acolheram como um irmão, o que aliás foi facilitado pela sua fluência no idioma, que era o código secreto que sua avó usava para contar aos netos as coisas do passado.

Os húngaros o ouviram sem julgamentos, fazendo perguntas apenas factuais e oferecendo interpretações neutras e inteligentes. Acharam a história toda a mais verossímil possível, e não viam razão para duvidar de nada que Misha dizia. “A publicação de seus livros não é de interesse da universidade, Misha, se você me permite a franqueza. Tente fazer cópias de seus livros remanescentes, pois toda uma indústria se forjou a partir do ineditismo de sua obra, uma indústria que vai ser difícil desmantelar.”



“Fazer cópias, como?”, perguntou Misha, um pouco surpreso.

“Bom, você vai numa papelaria, da universidade mesmo...”, alguém respondeu.

“Melhor de fora!”, outro pontuou.

“...Numa papelaria do bairro, e pede para fazer cópias”, completou o primeiro.

“E posso fazer isso, não é proibido?”, Misha perguntou.

O debate continuou entre os húngaros.

“Acho que não.”

“Não é, não!”

“Na ditadura, era.”

“Não, no Brasil xerox nunca foi proibido, só mimeógrafo.”

“Mimeógrafo também não.”

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Mas na Rússia era!”

“Ah, na Rússia tudo era proibido.”

“Mimeógrafo, também?”

“Principalmente.”

“Amigos, não vamos fugir do assunto”, decidiu o coordenador do centro, cortando a doce troca de ideias. “A questão são os livros do Misha.”

“Verdade.”

“Os livros.”

“Misha, faça cópias dos livros, pode até fazer cópias digitais...”

“Não complica.”

“É, não complica.”

“Enfim, faça cópias, e aí pense melhor no que vai fazer com os livros salvos e com os perdidos. Alguém tem alguma ideia para o Misha?”

“Eu tenho, se eu puder ter a palavra,” falou um jovem estudante da graduação.

Todos ficaram em silêncio, deferentes. Parecia que viria uma ideia boa.

Falou educado, pois era um rapaz fino.



“Seus livros devem ser maravilhosos, tantos os perdidos como os salvos. Não resta dúvida.” Falava em húngaro pausado, pois não era assim tão fluente. Mas isso tornava tudo mais claro.

“Agora, a sua busca pelos livros, a sua estante mingando, perdão, os seus registros sobre quem tomou emprestado qual livro, e que teses foram escritas com base em qual romance, e as relações entre pesquisadores, orientandos e orientadores, isso tudo, isso tudo é fascinante, pois mostra o rastro de um roubo. Eu, no seu lugar, escreveria um doutorado.”

Ficaram todos em silêncio. Era um caminho claro, límpido. Ele já tinha o material empírico, pronto, já tinha o cerne, que era o emaranhado dos livros perdidos. Já tinha o título do livro, “A Gênese da Cópia”, faltava mesmo era o título acadêmico. Iria se reapropriar dos seus livros entrando no círculo acadêmico e os caçando lá.

“Eu não falo português”, ele confessou aos húngaros, como se pedisse uma absolvição. Os húngaros ficaram em silêncio. Quem iria contar?

Coube ao jovem audacioso, que desta vez corria certo risco.

“Misha, querido, que fique entre nós, pois estamos recebendo você como amigo, por favor. Mas preciso te contar que ninguém na universidade brasileira fala português, e muito menos escreve. Se você balbuciar meia dúzia de palavras, já está bem. Fica tranquilo, mas não espalhe essa verdade secreta, pois ninguém ganhará nada com isso. Apenas navegue.”

“Mas, mas todos dizem que é uma língua linda, e tem as músicas, cuja letras eu não entendo, mas dizem ser muito belas.”

“Linda mesmo, e as crônicas de jornal estupendas, narradores de futebol, poetas, dramaturgos, o problema é localizado, é só na universidade mesmo, aqui ninguém fala português.”

“E que língua falam?”

“Não falam nada, vão só tocando.”

“E o que eu faço?”

“Vá só tocando.”

Os húngaros pareciam saber do que falavam. Pareciam todos anciões, mesmo os mais jovens.

Seguindo o conselho dos húngaros, Misha se matriculou num programa de doutorado em literatura europeia na Faculdade de Letras e Filosofia de Uberlândia. Não foi difícil fazer os créditos, a partir dos sensatos conselhos recebidos. Havia coisas que não entendia, mas imaginava que os colegas não tinham entendido também. E quando falava, ninguém ia assumir não ter entendido o que ele, o famoso Petrovov, sobre



quem inúmeras teses haviam sido escritas, queria dizer. A parte realmente difícil era quando todos começavam a falar sobre os cuidados com seus cachorros e com o orquidário, assuntos nos quais eram realmente experts e que debatiam com furor sincero. Aí não acompanhava. Mas essas matérias não caíam na qualificação.

Como na Rússia, abria mão das oportunidades de bolsa, o que só atraía boa vontade. Então foi tocando até a defesa da dissertação de doutorado, que escreveu tranquilamente apoiado em seu emprego no consulado. Frequentava o grupo de pesquisa do centro de estudos húngaros, mesmo que sua área fosse distante. Gostava de estar num ambiente onde entendia o que as pessoas estavam dizendo, ou seja, era um diletante. Sentia-se confortavelmente desconfortável entre aquele grupo irônico e taciturno, enquanto entre os colegas de seu departamento, sempre animados e calorosos, muitas vezes faltava-lhe o ar.

Era chegada a defesa. Apresentou resumos de suas obras, e depois traçou sua trajetória acadêmica – das obras, e não dele – pelas teses e dissertações. Apresentou grafos bonitos, cada um para uma obra, que ora coincidiam, ora não. A maioria dos caminhos eram circunscritos ao país, mas alguns viajavam pelo mundo acadêmico de língua inglesa e francesa, incluindo ex-colônias. Sim, sua obra havia chegado, em traduções fragmentadas, em Angola, no Senegal, além do Texas, da Escócia e, pasmem, da própria Rússia, em traduções reversas. O trabalho estava impecável. Misha, apesar de todo o desgosto da perda dos livros, havia encontrado o caminho deles, e o caminho era até mais intrigante que os romances em si.

Terminou a apresentação com cansaço, mas feliz. Estava realizado. Não tinha mais os livros, mas alguém os tinha, livros passados de mão em mão, lidos e estudados. Talvez um dia voltassem a ele, talvez se embrenhassem mais fundo em mundos que não conhecia. Tinha apenas os resumos, as sinopses, as tramas principais. Mas alguém tinha mais que isso, mais que os resumos, mais do que ele mesmo tinha. E não era isso, ao fim e ao cabo, que queria um escritor? Sentou-se esperando perguntas educadas, elogios e uma boa nota.

Mas ele não estava entre os húngaros, que falavam as coisas na cara, mas com afeto. Vinha bomba.

“Vamos começar pelos resumos,” falou o primeiro arguidor. “Desculpe, senhor Nikolaevich, mas quando lemos os trabalhos originais que escreveram sobre seus livros, e comparamos com os resumos que o senhor apresenta, fica patente o desnível. Seus resumos parecem ter sido feitos às pressas por alguém que não conhece bem a obra em questão, enquanto as obras que o senhor aliás cita revelam uma enorme profundidade textual e semântica. Penso que o senhor, quando enfia esses resumos mal ajambrados em sua tese, já cria um fosso entre si e o leitor familiar com todo o pensar petrovoviano. Não vou me alongar mais, pois acredito que os demais membros da banca terão o que dizer.”



E tinham.

O segundo arguidor foi mais educado. Elencou inúmeros méritos do trabalho, especialmente considerando que o candidato não falava português, o que é sempre um desafio, redigir um texto sem saber a língua no qual o texto se desdobra. Todos assentiram. Mas ponderou que o trabalho não era da área de literatura. “Talvez fosse da sociologia.” Os colegas assentiram, sociologia, decerto. “Pois o que está em questão na dissertação apresentada para a obtenção do título de doutor por essa universidade não é a obra petrovoviana, de incontestável interesse, mas sim sua trajetória social, institucional, o que não é do campo da literatura. E isso não podemos julgar. Agora, pode ser que isso tudo não passe de ficção.”

Misha fez uma expressão interrogante.

“Sim, ficção. Pode ser que todas essas perdas e buscas de seus livros, pelos quais o senhor tem um grande carinho, e nós respeitamos isso, todos nós temos nossos livros na gaveta, ou hoje, nos arquivos escondidos de nossos computadores...”

A banca toda riu da graça do mestre.

“...mas não fica claro no seu trabalho se o senhor está, até inclusive se fazendo valer de seu sucesso passado como escritor, imaginando essa busca ou se ela é, de fato, real. Mas não importa. Se for real, é sociologia, como todos nós já concordamos. Ponto pacífico. Se for irreal, então não é análise literária, é ficção, e não estamos aqui para validar imaginações, e sim para analisar o produto literário enquanto resultado social e atrelado a seu momento histórico e linguístico.”

Misha não tinha palavras para se defender. Nem em português, nem em russo, e talvez nem mesmo em húngaro. Em húngaro, talvez, mas quem entenderia? Ficou olhando a banca em silêncio, o que pareceu desfeita a esta. Mas na verdade escutava-a atentamente e se perguntava se ela não teria razão, se ele na verdade não tinha mais a posse de seus livros e se não tinha se encantado exageradamente com os grafos complexos.

O orientador, preso no dilema entre aprovar um trabalho perfeitamente razoável, e até elegante, e contrapor-se a colegas que amanhã dariam pareceres sobre suas próprias atividades, não teve dúvida, e olhou para o candidato como quem olha para um cão pelado:

“Bem, querido Mikhail, temos que pensar positivamente dessa experiência, desse seu encontro com os estudos literários, no qual você se jogou de modo generoso. Foi uma tentativa. Uma bela tentativa.”

A banca anuiu.

A dissertação foi reprovada, mas ainda cabia recurso.



Misha saiu do campus atordoado, pois a reprovação tinha vindo sem aviso. Um dia era solicitado para dar palestras sobre sua obra, e no outro reprovado sobre uma tese sobre essa mesma obra, dentro do contexto latino-americano? E toda aquela ladainha sobre as vozes dos sujeitos? E se publicasse a dissertação como se fosse um livro, mesmo sem o título acadêmico? Ainda tinha o salário do consulado, é verdade. Mas a reprovação tinha lhe tirado a confiança ancestral de se virar em situações adversas. Será que, com os fragmentos publicados, poderia reescrever seus romances? E se reescrevesse, acreditariam que aqueles eram os romances estudados de Mikhail Nikolaevich Petrovov, ele mesmo, ou os renegariam como se de um impostor?

Era dia de feijoada, e se havia algo sagrado no Brasil, era a fartura do prato nacional, com muita couve e torresmo e alegria. Misha entrou num boteco bem cheio e barulhento, e pediu uma feijoada para dois. Comeu metodicamente, organizando cada prato a partir das cumbucas que o garçom lançava feliz à mesa, com uma caipirinha também para dois, como se estivesse matando uma fome e uma sede arcaicas.

Não era de fato ele mesmo. Isso a banca havia decretado. Agora, só restava se apaixonar e depois talvez ir ter com os Bragança.

Recebido em: 15/08/2021.

Aprovado em: 15/10/2021.